

CRÓNICA

Crónica tardia para actualizar

Um feixe de luz obstinado saía da jarra bruxuleante mas solitária torneada com berloques plastificados baratos por cima da sombra no passeio do bar parecia até sair da vitrina do *Aarquico* em Berna. Até hoje retenho nas órbitas o momento sucedâneo tão rápido. Mas também charcos lodosos estáticos já no alcatrão camuflados por vidrados no regelo. Lembro nesse dia descuidar agasalhos, sentir tremer-me mas por dentro só da pele, melhor, da alma, especialmente arrepiada teimar em medrar mas não querer ser enganada... Lembro um dia em que fomos Manuel Beja, Manuel Mendes, mais o Rogério Sampaio e o Júlio Prudêncio e o António Caeiro, também a Cassola Ribeiro o clérigo Andrade e eu. Fomos de esperanças idealizadas para aconselhar o representante consular da Nação portuguesa na Nação Suíça. Entre nós alguns eram representantes eleitos pela Comunidade que delegou vontades e razões nos propósitos no apelidado Conselho de País. Uma espécie de regência com contornos políticos e afazeres de vénias mas com seus contraditórios. Ou seja, éramos quem ali devia estar ser consecutivo nos propósitos para melhor defender razões. Ou seja, éramos quem teimava por

malhar desmesuradamente na dignidade e aproveitar desleixes e deslizes das promessas políticas da emigração. Ou seja, éramos obstinadamente frágeis para melhor compreendermos a sacanice mas o Manuel Beja

fino esquivo enquanto o Manuel Mendes arrepiava -*são luzes vacilantes...* o Beja, o Manuel crispa - *se é de caos vamos a isso* sempre arredio dos papeis excessivos não justificarem ideias concretas enquanto a Cas-

Migros, caprichosa - *a correção meninos, defender dignos o que há em dizer mas de modo bem fundamentado...*

eu pronto no meu regelo não negligenciar a alma mordida nem deixá-la regelar com tantas vontades verdadeiras por falarmos por tantos com os senhores das embaixadas...

nisto deito a mão ao bolso... aflito não tenho *spray* para pintar muros! mas acreditar que as ideias não morrem o Manuel Beja na secura fresca da voz -*havemos de ter rádio...* entrarmos na Embaixada todos emproados nos sonhos e vemos que nesse final de Janeiro o tempo não era arredio nem só política convincente quando o afecto, a harmonia, a voluntária certeza de ser-se incompleto, fez-se como se luz, fez-se num feixe frágil sobre as palavras. Aí, nesse instante olho o Manuel Mendes e ainda hoje o vejo a procurar bem as palavras para o neto na Costa da Caparica, olho o Manuel Beja e ainda hoje o vejo sublimar o valor de uma ideia, congeminar os seus vários sentidos para finalmente dizer, como no nosso reencontro à dois anos na rua despidada em Zurique -*raio, se é petulância, se é o caos vamos a isso, o fundamental está*



çoitava pronto os meus temores numa passada compassada que ainda hoje penso ter, mordida, parece aconchegada mas sentida num silêncio

sola Ribeiro pertinaz deitava água na fervura apontar o indicador pontiagudo discretamente vernizado às aves raptadoras sobre o muro do

sempre por fazer... Hoje como ontem lembro tanta força de tantos, abnegação até em rejeitar torcer o pescoço a uma ave de rapina qualquer. São muito vadias. Paço de Arcos, Fevereiro 2010